

O propósito deste livro, que revisita quase seis séculos de história, é destacar a importância do passado para os estudos sobre os media. É bom que os conceitos circulem livremente mas, de vez em quando, ainda bem que surgem obras que nos recordam que as palavras que usamos foram inventadas e, em tempos, soaram revolucionárias embora pareçam hoje quase fossilizadas em certas tradições académicas.

Neste estudo de dois historiadores ingleses dos media, redescobrimos que foi somente a partir de 1920 que as pessoas começaram a falar de “*media*” e de 1950 que se generalizou a ideia de que uma “revolução na comunicação” estava em curso. Também é interessante reflectir sobre a diferença entre dizer “opinião pública”, um termo que apareceu em finais do século XVIII e dizer “massas”, uma palavra associada claramente ao movimento de industrialização ocorrido desde o início do século XIX.

Prolongando os exemplos citados, é vagamente inquietante assinalar que foram os fenómenos perceptivos, económicos e sociais provocados pela televisão, surgida na década de 1950, que mobilizaram para os estudos da comunicação contributos oriundos da psicologia, da economia, da sociologia e da semiótica, forjando o carácter multidisciplinar desta área de investigação.

Dentro desta nobre intenção – reforçar que os investigadores devem “levar a história a sério” – o livro propõe algumas descobertas resultantes de um cuidado trabalho de recolha diacrónica. É estimulante verificar que os actuais formatos narrativos das séries televisivas foram importados das novelas radiofónicas, por sua vez inspirados nos folhetins e novelas originalmente publicados em jornais e revistas do século XIX, que disputavam os trabalhos dos grandes romancistas como Dickens, Victor Hugo, Dostoiévsky, Eça de Queiroz ou Ramalho Ortigão (dois exemplos nacionais que não figuram no livro).

Um facto que percorre a história é a sistemática desconfiança das autoridades eclesíásticas e políticas perante aquilo que, em cada época, foi surgindo como os “novos media”: no século XVI tentou-se banir o teatro, no século XVII e XVIII eram as gazetas que assustavam os intelectuais e os políticos, o século XX trouxe o medo da propaganda que chegava pela rádio e dos efeitos nocivos da televisão e no século XXI a fonte de todo o bem e de todo o mal chama-se internet.

Os autores sublinham que não desejaram centrar a sua investigação em continuidades históricas, sob pena de ofuscar aquilo que realmente importa, isto é, a mudança. Perceber a mudança implica, na sua perspectiva, valorizar os aspectos sociais, culturais e económicos da história, recusando o determinismo tecnológico.

Organizado em oito capítulos – desde a revolução tipográfica (o segundo) passando pela convergência (sétimo) e ao multimédia (oitavo), o livro clarifica como são sempre políticos e diversos os usos e apropriações dos media. No actual contexto multimédia, é “de uma fascinante psicologia” dizem os autores, perceber a crescente importância de eventos desportivos na mobilização de audiências globais.

O exemplo mais citado é o dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, muito capitalizados pela herança histórica de berço da cultura ocidental representado pela Grécia mas os próximos jogos, organizados pela China em 2008, aí estão para provar a verdade da teoria: o desporto já não é mais uma distração da política e da economia mas reúne um conjunto de características que congregam e suplantam outros eventos de natureza mais económica, política ou diplomática. Neste sentido, os grandes eventos desportivos tornaram-se matéria verdadeiramente histórica.

O capítulo 6, dedicado à tríade “Informação, Educação e Entretenimento”, demonstra como a história dos grandes jornais norte-americanos e europeus e o seu contributo para a crescente importância social da imprensa em geral, se baseou na sua aptidão para cumprir, em simultâneo, três exigências: informar, educar e entreter.

Cada novo media, mais do que especializar-se em cada uma destas vertentes, tem adicionado mais completas fusões, forçando a uma lógica de co-existência entre linguagens e suportes tecnológicos. Em conclusão, parece que as tecnologias dos media, tal como os homens, estão condenados a viver juntos. Ainda bem.